



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB

CONHECENDO AS OPINIÕES DE PROFESSORAS DE UMA

INSTITUIÇÃO SOCIAL SOBRE O ALUNO COM TRANSTORNO DO

ESPECTRO AUSTISTA

ANDREZA GAGLIARDI SPAGNOL

ORIENTADORA: Msc. LÚCIA DE CARVALHO BRANDÃO

BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

ANDREZA GAGLIARDI SPAGNOL

**CONHECENDO AS OPINIÕES DE PROFESSORAS DE UMA
INSTITUIÇÃO SOCIAL SOBRE O ALUNO COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUSTISTA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar,
do Departamento de Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.
Orientador (a) Prof^ª. Msc. Lúcia de Carvalho Brandão.

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDREZA GAGLIARDI SPAGNOL

CONHECENDO AS OPINIÕES DE PROFESSORAS DE UMA INSTITUIÇÃO SOCIAL SOBRE O ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUSTISTA

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em 28/11/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

LÚCIA DE CARVALHO BRANDÃO (Orientador)

PATRÍCIA C. CAMPOS-RAMOS (Examinador)

ANDREZA GAGLIARDI SPAGNOL (Cursista)

BRASÍLIA/2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas que sempre estiveram ao meu lado pelos caminhos da vida, me acompanhando, apoiando e, principalmente, acreditando em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a muitas pessoas que participaram da minha vida. Algumas de longas datas, outras mais recentes, dentre outras que se tornaram especiais, cada um a seu modo, seja academicamente ou pessoalmente, seria muito difícil não mencioná-las.

À minha orientadora Msc. Lúcia Brandão, que dedicou seu tempo me orientando. Obrigada pelos ensinamentos e atenção deste período.

À professora Dra. Patrícia Campos Ramos, por ser uma das responsáveis pelos conhecimentos dispensados no decorrer do curso. Muito obrigada pela ajuda, incentivo e apoio.

A todos os professores, funcionários do curso que são os maiores responsáveis por estar concluindo esta etapa da minha vida, compartilhando a cada dia os seus conhecimento conosco.

Aos meus colegas de turma, que me ensinaram a conviver com pessoas tão diferentes de mim.

Aos meus pais e familiares que me incentivaram e acreditaram em meu trabalho.

Obrigada a todos vocês que direta ou indiretamente participaram desta minha etapa e que me fizeram crescer, tanto pessoalmente quanto profissionalmente.

RESUMO

Este trabalho objetivou analisar a interação social da criança com autismo no contexto de uma instituição sem fins lucrativos. Para alcançar os objetivos da análise e interação social de uma criança com autismo no contexto de uma instituição de atendimento a pessoas com Transtorno de Espectro Autista, foi utilizada uma pesquisa de campo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com os professores da instituição e foram submetidos a uma análise qualitativa. Os resultados obtidos apontaram para necessidade de capacitação pedagógica dos professores, fundamentada em um currículo que oriente sua prática para oferecer ao aluno a possibilidade de desenvolvimento de interações sociais, uma vez que a qualidade dessas interações pode impulsionar o desenvolvimento humano dos mesmos.

Palavras-Chave: Inclusão; Autismo e Interação Social

SUMÁRIO

RESUMO

1 APRESENTAÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 Definições do Transtorno do Espectro Autista.....	12
2.2 A Educação Inclusiva.....	13
3 OBJETIVOS.....	17
3.1 Objetivo Geral.....	17
3.2 Objetivo Específico.....	17
4 METODOLOGIA.....	18
4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia.....	18
4.2 Contexto.....	18
4.3 Participantes.....	19
4.4 Materiais.....	19
4.5 Instrumentos para Construção de Dados.....	19
4.6 Procedimentos para Construção de Dados.....	19
4.7 Procedimentos para Análise de Dados.....	19
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

APÊNDICES

A – Questionário.....	31
-----------------------	----

ANEXOS

A - Carta de Apresentação – Escola.....	32
B - Aceite Institucional.....	33
C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor.....	34

1. APRESENTAÇÃO

De acordo com Brandão (2009), O TEA (Transtorno do Espectro Autista) é definido por Wing, pelas peculiaridades de características comportamentais dos sujeitos, sobretudo a interação social, comunicação e pensamento, que podem variar de pessoas para pessoas de acordo o grau de intensidade.

Marques (*apud* Brandão, 2009), sobre a interação social, salienta que haja:

Uma limitação extrema na capacidade da criança de participar de situações que exigem um certo convívio social ou interação social mútua.

Uma forte diminuição da capacidade da criança de participar de convívios sociais que incentivem a utilização da expressão livre da comunicação, tanto receptiva quanto expressiva. (MARQUES *apud* BRANDÃO, 2009, p.11)

Ainda para Brandão (2009), a criança com autismo apresenta dificuldade para socialização, sendo essa uma das fortes características, pode se isolar ou ter uma interação de forma estranha, podendo ser específica aos seus interesses, que muitas vezes obedecem um padrão de fixação repetitivos por determinados temas.

Para Brandão (2009), a escola como um ambiente capaz de promover interações sociais, tem a função de oportunizar espaços democráticos e de respeito aos direitos humanos para a inclusão social. Para tanto, a escola é um espaço para o desenvolvimento, que possibilita uma maior troca de habilidades sociais com o outro e amplia conceitos da criança, funciona como um espaço de inclusão para a sociedade, também se responsabilizando pela formação de cidadãos para o círculo social.

Assim, a pesquisa se justifica em conhecer a rotina do trabalho ofertado em uma instituição de atendimento específicos a pessoas com TEA no sentido de conhecer o trabalho pedagógico canalizado para o favorecimento das interações sociais, bem como as estratégias utilizadas e os desafios enfrentados para levantar avanços durante a permanência desses alunos na instituição.

Com isso, suscitou-se o interesse neste estudo e foram elaboradas as seguintes questões para investigação:

- Há o favorecimento de interação social dentre os alunos na instituição de ensino?
- Existe algum modo peculiar de interação do aluno autista no ambiente escolar?

Para responder as questões procurou-se observar e analisar a interação social de uma criança com autismo no contexto de numa instituição sem fins lucrativos de atendimento a

pessoas com o TEA. E, assim, conhecer o atendimento ofertado pela instituição aos alunos com TEA, verificar a percepção da escola em relação à importância da inclusão para a criança com autismo e analisar se as atividades pedagógicas ofertadas favorecem as interações sociais dos alunos com autismo.

Com isso, realizou-se uma pesquisa com dois professores atuantes em salas de aula. Para a coleta de dados buscou-se a observação direta e a realização de uma entrevista semiestruturada. Os dados coletados foram submetidos a uma análise qualitativa.

Esse trabalho está estruturado em seis capítulos, sendo o primeiro para a apresentação; o segundo capítulo para fundamentação teórica, que está assim organizado: Definições do Transtorno do Espectro Autista por diferentes abordagens e A Educação Inclusiva. No terceiro capítulo apresentam-se os objetivos do estudo, no quarto capítulo são apresentadas a metodologia e análise dos dados, no quinto capítulo são os resultados e discussão do estudo e no sexto capítulo foram realizadas as considerações finais, seguido das referências bibliográficas utilizadas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Definições do Transtorno do Espectro Autista por diferentes abordagens

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi descoberto há pouco tempo, por ter algumas características que persiste por toda vida e não apresenta causas totalmente definidas. Foi considerado pelo psicanalista Bruno Bettelheim (*apud* Lago, 2013), entre outros, como uma doença relacional com um problema na relação diádica entre mãe e bebê, associada a causas de fatores ambientais. Porém, estudos atuais apresentam o autismo como de ordem multifatorial. Foi Leo Kanner, psiquiatra infantil e austríaco do Hospital Johns Hopkins, na década de 40 que escreveu artigos relacionados aos distúrbios autísticos, descrevendo características de obsessividade, ecolalia (repetição da fala do outro), obsessão por determinados objetos e um dos traços importantes percebido foi a dificuldade da interação da criança. Almeida (2004) corrobora com Kanner quando diz que uma das condutas conhecidas do autismo é o transtorno invasivo do desenvolvimento que abrange várias áreas como a comunicação, interação social, pensamento, o autismo pode ser associado a diversas síndromes chamado de espectros de transtornos autísticos e os sintomas variam de forma ampla.

O mesmo diz Orrú citada por Papim e Sanches (2012), sobre a incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas

Na atualidade, algumas definições sobre o autismo são dadas pela National Society for Autistic Children (ASA) (*Apud* Gauderer 1997, p.03):

O autismo é uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave por toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de 20 entre cada 10 mil nascidos e é quatro vezes mais comum no sexo masculino do que no feminino. É encontrado em todo o mundo e em famílias de qualquer configuração racial, étnica e social. Não se conseguiu até agora provar qualquer causa psicológica no meio ambiente dessas crianças, que possa causar a doença.

A classe médica também traz definição sobre o autismo. Uma delas é dada pela Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde (CID 10) que nomeia o Espectro Autista em um grupo de Transtornos Globais do Desenvolvimento.

Grupo de transtornos caracterizados por alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e modalidades de comunicação e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Estas anomalias qualitativas constituem uma característica global do funcionamento do sujeito, em todas as ocasiões. (CID 10, 1993, p.246)

A outra definição está na descrição da Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2013), no Diagnostic and Statistical Manual Of Mental Disorders (DSM-IV, 2013), sendo chamado de Transtorno Invasivo do Desenvolvimento.

Os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento caracterizam-se por prejuízo severo e invasivo em diversas áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação, ou presença de comportamento, interesses e atividades estereotipados. Os prejuízos qualitativos que definem essas condições representam um desvio acentuado em relação ao nível de desenvolvimento ou idade mental do indivíduo. (DSM-IV, 2013, p.22)

Em sua análise, Assumpção (2005) nos diz que, embora tenha descrito um grande número de doenças genéticas associadas ao autismo, não se pode estabelecer uma relação pela raridade de casos e pela patologia, pois dificulta o estudo, pois, ainda não há exames específicos para se faça um diagnóstico preciso, mas manuais clínicos que adotam a compatibilidade do caso.

Com diversos fatos acontecendo, um deles foi à motivação para criação de escolas e instituições de atendimento específico ao autismo, com ajuda de novos métodos para o desenvolvimento dessas pessoas (REVIÈRE, 2004). Para o autor, houve grandes mudanças nos processos de tratamento de autismo, e uma delas é a educação que trabalha com a comunicação e interação social, de fundamental importância para o desenvolvimento da pessoa com autismo.

O caderno Orientação Pedagógica da Educação Especial para Escolas (BRASIL, 2010), faz uma adaptação às necessidades dos alunos, incentivando assim a escola a ser inclusiva conforme a lei específica. Nesta perspectiva houve mais um grande avanço da construção de currículos escolares adaptados.

2.2 A Educação Inclusiva

A política de educação de inclusão agrega indivíduos excluídos da sociedade e se baseia nos direitos humanos, onde há uma preocupação de diversos segmentos como educação, social, econômico, psicológico em incluir e fazer valer os direitos dos sujeitos com necessidades especiais.

O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (Política Nacional de Educação Especial, 2008)

O atendimento às pessoas com necessidades especiais é amparado pela Constituição Federal (CF) de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 e a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1984, onde estabelece que a educação pública é um direito de todos, garantindo-se atendimento educacional especializado.

O conjunto de leis existe para atuar como regulador para garantia do acesso as pessoas com deficiências, incluindo o autismo, à educação.

Em Selau e Hammes (2009), consideram que a realidade do educador seja precária, pois as leis acima não asseguram que os educadores estejam preparados para auxiliar nos processos educativos. Para isso, é necessário que estes direitos sejam cumpridos da melhor forma, tendo em vista que o educador tem suma importância do ensino regular e especial, é ele quem vai transmitir o conhecimento tanto formal quanto informal que são os valores sociais, culturais entre outros.

Segundo Carvalho (2008), o processo inclusivo tem características dinâmicas, flexíveis e temporais, a considerar que essas transformações são lentas. Com o decorrer do tempo, os alunos começam a ser incluídos em salas regulares, pois o movimento social para inclusão era grande, assim conquistando os direitos legais para receber atendimento e educação.

Na LDB nº 9.394/96 há um destaque para Educação Especial no capítulo V, que diz:

Art. 58º. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§ 1º. Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º. O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º. A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59º. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização, específicos, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Art. 60º. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

Parágrafo único. O Poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo.

A educação inclusiva dos indivíduos com necessidades especiais alcançam os diferentes níveis de educação desde a básica até o superior e se fundamentam em referências como a Lei de Diretrizes e Bases nº 4.024/61, Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1984, a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência lei nº 7.853/89, Carta de Jomtien da Tailândia de 1990, Estatuto da Criança e Adolescente de 1990, Declaração de Salamanca da Espanha de 1994, a reprodução de obras em braile autorizada pela lei nº 9.045/95 do Ministério da Educação e Cultura, a Lei de Diretrizes e Bases sobre a plena assistência em qualquer estabelecimento de ensino e Diretrizes Nacionais de Educação Especial na Educação Básica em 2001.

Segundo as “Recomendações para Construção de Escolas Inclusivas”, da Série Saberes e Práticas da Inclusão (MEC,2005), como uma nova forma de educação escolar para formação social do aluno, a instituição também tem a responsabilidade de inserir a pessoa com autismo nos meios sociais da forma mais padrão possível, onde os educadores devem estar preparados para atender a demanda. O educador deve estar preparado com a capacitação para atender, manejar recursos disponíveis na escola e para realizar a inclusão do aluno para que atinja o estabelecido, estimulando-o para receber o conhecimento. Pois o aluno com autismo necessita de um profissional capacitado e com diretriz para ensinar e saber lidar com as diversidades em sala de aula para que assim o acolhimento ocorra de forma adequada. Para Cunha (2012, p. 100), “não podemos educar sem atentarmos para o aluno na sua individualidade, no seu papel social na conquista da sua autonomia”.

Os referenciais mostram que a educação inclusiva foi instituída no país, mas o seu avanço é demorado, tendo vista o progresso social com o passar do tempo.

Nos dias atuais, a inclusão segue para busca da aprendizagem efetiva de todos os alunos, é preciso, pois, conhecer as necessidades de cada um para que a inclusão aconteça, efetivamente.

Para Mantoan (2007), mudar a escola é um processo trabalhoso e que exige tempo para garantia de que todos aprendam independentemente de seus aspectos e sendo, preferencialmente, no âmbito escolar e salas regulares e principalmente capacitando os professores pela principal tarefa que é aprendizagem.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

- Analisar a interação social de uma criança com autismo no contexto de uma instituição de atendimento a pessoas com TEA.

3.2 Objetivos Específicos

- Conhecer o atendimento ofertado pela instituição aos alunos com TEA.
- Verificar a percepção dos professores em relação à importância da inclusão para a criança com autismo.
- Analisar se as atividades pedagógicas ofertadas favorecem as interações sociais dos alunos com autismo.

4. METODOLOGIA

4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia

Marconi e Lakatos (2007, p.15) afirmam que a pesquisa “é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer tratamento científico e constitui o caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Assim, estas questões remetem-nos para pesquisa qualitativa, utilizando a observação e a entrevista individual e semi-estruturada, junto aos professores que trabalham em uma instituição sem fins lucrativos especializada em crianças autistas.

Gil (2002, p.194) nos fala que existem algumas características para a pesquisa qualitativa, como: a análise dos dados qualitativos é de forma indutiva, ou seja, de forma a serem construídas à medida que são recolhidos os dados, dando significado na abordagem qualitativa que, respeitando a forma em que estes dados foram registrados ou transcritos.

De acordo com Gil (2002, p. 102), neste tipo de estudo, a pesquisa favorece a compreensão dos comportamentos e possibilidades do sujeito acerca da pesquisa que se pretende descrever, o universo das pessoas que vivem determinadas experiências, com isso o trabalho do pesquisador é de aproximar desta realidade e descrevê-las da forma mais fiel possível.

A escolha dos participantes se faz por meio de critérios que assegurem entre a experiência que se quer descrever, analisar e o número de sujeitos varia de acordo com a profundidade da descrição.

4.2 Contexto da Pesquisa

Os dados foram construídos em uma instituição sem fins lucrativos especializada em atendimentos com crianças autistas, no turno matutino. A instituição de ensino presta atendimento fonoaudiológico, fisioterápico, psicológico, psiquiátrico, terapia ocupacional, além do atendimento educacional com professores orientados para realização das práticas educacionais e sociais.

A sala de aula com quatro alunos de faixa etária de 14 a 21 anos, as carteiras são dispostas uma ao lado da outra, um televisor e lousa, contando com diversos materiais de apoio educacional.

4.3 Participantes

A escolha dos participantes nesta pesquisa se fez por meio de critérios que assegurem entre a experiência que se quer descrever, analisar as práticas sociais para educação inclusiva e selecionar professores de uma instituição e ensino especializado em autismo ao qual esta pertence e que trabalham com a educação e as práticas inclusivas, de modo a perceber a profundidade da relação estabelecida entre a interação social.

Participaram da pesquisa duas professoras com nomes fictícios, mulheres que trabalham com alunos com Transtorno do Espectro Autista, a professora Teresa têm 36 anos e professora Sandra 31 anos, ambas com formação superior em pedagogia concluída, Teresa possui especialização em educação especial e atua na área há oito anos, já Sandra possui um curso de capacitação para crianças autistas e atua na área há seis meses. As professoras não receberam preparação inicial para atuar com alunos em necessidades especiais, no entanto procuram cursos para atualização e formação na área inclusiva e específica para autismo.

A sala de aula da professora Teresa possui quatro alunos com TEA entre dezenove a trinta anos, a sala de aula da professora Sandra tem cinco alunos com TEA e outras deficiências como cegueira e física. No momento da entrevista a professora Teresa estava realizando atividades para completar o nome dos desenhos das frutas, a professora Sandra se preparava para levar os alunos ao refeitório para alimentá-los.

4.4 Materiais

Para verificar este problema de pesquisa, foram utilizados os seguintes materiais, notebook, impressora, tinta para impressora, caneta, papel e celular com gravador.

4.5 Instrumentos de Construção de Dados

A coleta de dados foi feita através da entrevista semiestruturada e observação.

4.6 Procedimentos de Construção de Dados

Com o objetivo de analisar as práticas sociais propostas por ações entre os professores, para o desenvolvimento da interação social dos alunos com autismo em uma instituição especializada neste tipo de atendimento, foi elaborada a pesquisa. Após a assinatura do aceite

institucional e do termo de consentimento livre e esclarecido aos professores, autorizando a coleta de dados, realizou-se a entrevista semiestruturada a qual foi gravada com áudio e posteriormente transcrita, o roteiro da mesma encontra-se no Apêndice I.

4.7 Procedimentos de Análise de Dados

A partir dos resultados obtidos através de entrevistas e questionários com professores da instituição educacional especializada em autismo, espera-se fazer uma reflexão sobre os as práticas e interações sociais da criança com autismo, juntamente com a visão pedagógica dos professores.

Para a análise foram selecionadas algumas falas que contemplam o objeto de estudo, os registros de algumas atividades e as entrevistas com os professores, agrupando-os em categorias de acordo com a similaridade e pertinência do assunto.

Tendo em vista o processo de investigação, foram analisadas as práticas desenvolvidas pelas professoras relatadas na entrevista, feita através de uma pesquisa qualitativa à medida que as informações foram solicitadas, o pesquisador transcreveu, interpretou e analisou os dados sendo possível investigar os dados obtidos e, principalmente, se estivessem vinculadas ao processo das práticas de interações sociais dos alunos com autismo, objetivando refletir de forma crítica sobre a investigação.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão dos dados obtidos da entrevista tem como objetivo analisar a interação social de uma criança com autismo, no contexto de uma instituição de atendimento a pessoas com TEA.

As transcrições das entrevistas semiestruturadas foram feitas pelo pesquisador, contribuindo para análise dos dados e verificação da realidade pesquisada.

Inicialmente segue a descrição por tópico em seguida as respostas dadas por cada respondente e sua análise.

➤ Concepção geral sobre a inclusão educacional

Teresa: *“Para mim no geral a inclusão é aceitar a necessidade do aluno, aceitar a necessidade independente de qual seja ela, porque às vezes a inclusão não é só por uma deficiência física ou mental às vezes é uma desestrutura familiar se ele não souber trabalhar aquela criança em sala de aula ela não vai continuar os estudos ela vai ser evasiva, então isso pra mim também é inclusão, então pra mim de uma forma geral é você estudar a necessidade do aluno, ou seja, de cada aluno, em si, único, aluno único, entendeu? Isso pra mim é inclusão e é o que não acontece no geral até no município, é igual às pessoas falam pra mim: aí você trabalha com autista? Nossa eu amo autista! Aí eu falo assim você tem certeza que você ama autista? Você tem certeza e sabe o que é autista? Se você gosta de autista? As pessoas respondem: - eu tenho, eu assisti à novela. Ai eu falo: - não pera, para tudo! você assistiu a parte bonita minha flor e se você for conhecer a realidade você vai falar que você odeia autista. A realidade é diferente, e é o que acontece toda vez que a gente precisa de um professor, nós sofremos muito.”*

Sandra: *“De uma certa forma é bom, mas precisa de uma preparação para receber, porque não adianta nada você colocar um aluno especial num lugar que não é adequado para ele, e não adianta falar que vai ser a mesma coisa que não é, eles têm mais dificuldade, precisam de alguém do lado dele, então precisa de ter uma pessoa mais voltado a eles e até mesmo a preparação da instituição para receber o aluno. ”*

Em uma análise das respostas sobre a concepção geral de inclusão dos professores participantes, possuem certa noção do conceito de inclusão. A professora Sandra possui seis meses de experiência com alunos autistas e realizou um curso de capacitação e apenas destaca da necessidade de preparação para receber esses alunos.

Coelho (2010) afirma que as experiências inclusivas não são receitas, mas um norte para o outro, uma relação de parceria no contexto e seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.

A professora Tereza possui especialização em educação especial e atua com crianças autistas há oito anos, ao citar a inclusão e falar sobre autismo, ressalta o desconhecimento da sociedade a respeito desse transtorno, a ponto de informações sobre o autismo ficarem muitas vezes restritas ao que foi transmitido em novela pela mídia e o reconhecimento de incluir o aluno com necessidades especiais à sociedade respeitando as diferenças para a igualdade de comprometimento social e ressalta a necessidade de preparação do professor para trabalhar com alunos TEA.

➤ Definição de autismo

Teresa: *“Ai é tão grande isso, é uma resposta que ao mesmo tempo que é simples ela não é, como eu te explico assim, difícil não é só tem que ter amor se não tiver não vai, é realização porque todo mundo pergunta você quer sair daqui, não, é um dom, porque como eu tava te falando a gente tava sem dois professor e fizeram N entrevistas, a hora que fala o salário, o que tem que fazer, eles não querem, é aquilo que eu te falei todo mundo vem com aquela imagem de novela e não é, a hora de trocar um menino que faz um côco de dois quilos na roupa, é a professora aqui que tem que fazer tudo isso, e elas não aguentam a criança com diarreia, é aquilo mesmo trabalhar com autista é um dom, é uma benção é uma eterna criança, o autista é uma eterna criança.”*

Sandra: *“Olha, no começo eu imaginava o autista totalmente diferente, hoje eu considero eles crianças grandes porque eles têm dificuldades de fazer atividades, eles são carinhosos e eles têm os momentos deles de nervoso, eles são agitado e tudo só que eles conseguem ao mesmo tempo ser muito amoroso com a gente eles pegam confiança e obedecem a gente, escutam a gente, se outra pessoa falar eles não atendem sabe, então eles se adaptam naquela rotina, porque eles são de adaptar a rotina então eles tem muita dificuldade com mudanças, sabe?”*

As professoras definem e compreendem o trabalho com o autista. Professora Sandra relata o apego à rotina dessas pessoas corroborando com o que Orrú (2012, p.19) nos fala “da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas”, assim como com o que nos fala Brandão (2009), relacionando a interação social, consideradas como estranha porque muitas vezes obedecem um padrão de fixação repetitivos por determinados temas.

Ainda falando da professora Sandra, a mesma relata que os alunos podem parecer não escutar a outras pessoas que não fazem parte do convívio, deflagrando ali a existência de um vínculo afetivo. Em Campbell (2009), o autismo faz com que a criança tenha certa dificuldade com a interação e o meio externo, em determinados casos evitando o contato físico, visual e até mesmo não demonstrando as emoções.

A professora Tereza, repleta de emoção, deixa a definição de autismo passar despercebido, quando na verdade relata o tipo de trabalho que exerce, enfocando no “dom” o ato dos cuidados da vida diária que tem com os alunos. Neste sentido, a professora relata a dificuldade em encontrar profissionais para trabalhar com esses alunos, e de uma certa forma, pelo grau de comprometimento do aluno, ela o infantiliza, tentando então, definir o autista, e não o autismo, como uma “eterna criança”.

➤ Necessidades que os alunos apresentam em relação à aprendizagem

- Necessidades para interação social

Teresa: *“É a AVD atividade de vida diária, tudo envolve a AVD, por exemplo, a gente faz o passeio entre eles, nós tentamos só que eles brincam com a gente tem uns menorzinho que se relacionam o único meu que se relaciona é o Felipe o grandão que eu to trabalhando a alfabetização o único que se relaciona, ele brinca, ele se joga, ele se enrola, rola no chão com os pequenos, mas ele se relaciona com os pequenos e ele é grandão, agora é o João ele não aceita nem eu pegar nele direito tem uns sim e uns não, os pequeninhos se relacionam bem o Joãozinho tá aprendendo agora a se relacionar, o Mateus abraça, beija, xinga, ele bate, ele morde, ele faz um auê, então dos pequenos pros maiores sim, dos maiores pros menores não, porque eles aqui já chegou aqui desse tamanho como eu vou trabalhar com mais facilidade, tem o outro que chegou aqui novinho mas não foi trabalhado isso com ele, porque antes tinha outra técnica e hoje a gente busca outras teorias antes a gente buscava uma metodologia só hoje não, hoje a gente busca uma metodologia que se encaixa em cada criança, então existe várias formas de trabalhar pra conquista, cada criança tem um jeito né, é o Son Rise, TEACCH, PECS a gente trabalha todos aqui*

Sandra: *“Eles têm bastante dificuldade em interagir é muito difícil prender atenção deles é uma falta de interesse muito grande às vezes você tá fazendo uma atividade com eles e tão olhando no tempo é difícil você apreender a atenção deles, sabe. Eles também têm muita dificuldade em muita gente, muito barulho, eles gostam mais de ficar no cantinho deles e quieto, não gostam muito de contato físico, a não ser o Fernando ele adora que abraçar beijar ele sabe, toda hora ele vem, agora já tem uns que não gosta aquele ali não gosta que pega nele, na mão dele, assim cada um é de uma maneira, então você vai aprendendo a lidar e ver o que eles gostam o que eles não gostam.”*

A professora Tereza esclarece bem a existência de um espectro dentro do transtorno autista, uma vez que enfatiza as diferenças de grau de comprometimento e de desenvolvimento dos sujeitos com as técnicas que trabalha como o Programa Son-Rise em atividades lúdicas de interação social, motivadoras e divertidas para criança, a metodologia Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação (TEACCH) que trabalha com estímulos visuais e gestuais, a técnica Sistema de Comunicação pela Troca de Figuras (PECS).

É interessante perceber que a professora acredita que a educação possa fazer intervenções para o desenvolvimento humano do aluno, sobretudo da interação social, uma vez que cita que os alunos que chegaram pequenos poderão ser trabalhados com um enfoque mais voltado para a socialização e estão dando uma resposta positiva, enquanto os alunos que chegaram à instituição maiores já não tem o mesmo desenvolvimento que os demais. De acordo com Kelman (2015), as concepções de desenvolvimento são constituídas pela cultura em contextos locais e globais, Vigotski (1994) em sua teoria sociointeracionista diz que o aprendizado é propício através de uma interação de ações sociais, culturais em que o aluno irá construir seus conhecimentos através das mediações entre escolas, família, e sua visão de mundo, onde muitas vezes os professores precisam estimular, motivar os alunos com as atividades e deixar que eles hajam com autonomia e mediar o processo ensino-aprendizagem para que se alcance os objetivos estabelecidos.

É neste sentido que Carvalho (2008) diz que, apesar dos obstáculos, é importante o aluno ocupar o espaço dele na escola. Os detalhes do desenvolvimento se manifestam na medida da sua inserção no contexto social, com maior visibilidade as capacidades, bloqueios e o modo de relação com o ambiente.

A professora Sandra, por sua vez, percebe bem as dificuldades de interação dos seus alunos, bem como de concentração e relata a tendência ao isolamento. A dificuldade em

relacionar com muitas pessoas. A sensibilidade auditiva e no tato. As diferenças entre um e outro e a necessidade de se conhecer bem o sujeito para intervir. Dessa forma, talvez sem uma intencionalidade a professora define bem o autismo nessa resposta.

- Método de apoio para estimular o desenvolvimento e a interação entre os alunos

Teresa: *“Os brinquedos pedagógicos que a gente utiliza, e brinquedos que a gente inventa, o que a gente tem aqui, brinquedos que a gente monta brinquedos próprios pra eles.”*

Sandra: *“Então o que eu costumo usar, só que assim é o que eu falo é muito difícil você encontrar alguma coisa que prende a atenção deles né, o que surgiu melhor efeito assim para eles interagirem um com o outro é bola, eu trouxe a bola, então eu dou na mão de um e peço pra dar pro outro, roda eu não consigo fazer sabe, porque eles não pegam na mão um do outro, forma fila, brincadeira que é um com o outro é muito difícil fazer, então eu tento deixar eles junto, eu levo na quadra, caminhar junto, mas eu seguro nas mãos deles eles aceitam, só que se outro segurar nas mãos dele eles já não aceitam, então tento ir de dois em dois sabe, pra pegar na mão um de cada lado e vou e volto e pego na mão dos outros e bola é coisa que deu melhor de um passar pro outro, mas não muito resultado, é meio complicado.”*

A professora Tereza se refere aos jogos pedagógicos como ferramentas utilizadas para estimular a interação social, já à professora Sandra, admite que a bola foi, até então, o instrumento mais capaz de fazer com que os alunos interajam uns com os outros, seja ao menos no ato de passar a bola de um para o outro, ela acredita que não tenha muitos resultados, o que verificamos na revisão de literatura que a escola é uma das instituições que proporciona a motivação para o desenvolvimento de atividades do autista, pois é ela que transmitirá o conhecimento dos valores, sociais, culturais, formais e informais. Neste sentido, concordamos que é necessário empregar algumas estratégias para estimular o aprendizado e interação social do aluno com autismo. O professor pode, como a professora Sandra, experimentar intervenções, para que como um professor pesquisador, encontre estratégias que favoreçam a aprendizagem e a interação social.

Para Fonseca (2011), estruturar o ambiente, materiais e mediações para ensinar estratégias e processar informações, sem deixar de considerar as estruturas e a criatividade,

favorece a aquisição de conceito, com isso o autista desenvolve funções para trabalhá-las adequadamente.

Estratégias e intervenção como formas de treinamento em habilidades sociais têm sido vistas como uma possibilidade de tratamento com essas crianças, com um conhecimento técnico e teórico. Juntamente com a habilidade para trabalhar com equipes multidisciplinares, o trabalho com os autistas se dão através dos treinamentos de habilidades sociais e proporcionam ganhos satisfatórios.

➤ A inclusão escolar do aluno autista

Teresa: *“Só o leve, só autista leve, pelo contrário não acredito e pelo tempo de experiência que tenho, aqui não tem como, pode ser que isso um dia venha mudar, o município o estado tem que mudar muito pra receber esses meninos, não é uma deficiência comum, eles colocam a acessibilidade para os deficientes físicos, pros cegos hoje tem computador pra cego, isso e aquilo, mas pro autista não tem um ambiente tranquilo pro autista.”*

Sandra: *“Então, tem alguns que tem possibilidade sim, nós temos alunos não da minha sala sabe, mas que tem toda chance de desenvolver mais sabe, de aprender mais, e de incluir mesmo em turma, escola regular, porque eles são bem esperto, tem os momentos deles né de agitação de tudo, tem um pouco mais de dificuldade, só que eles conseguem.”*

Tereza, conhecedora de crianças com autismo, não acredita na possibilidade de inclusão escolar das mesmas, compara esses alunos aos alunos com deficiência que pode ser compensada por alguns programas de acessibilidade, ressaltando que a diferença na inclusão das pessoas com autismo são justamente as peculiaridades em seu desenvolvimento, como a necessidade de uma organização escolar e adaptação a essas necessidades. Exemplificando um ambiente tranquilo.

Sandra, por sua vez, percebe dentro desses sujeitos com todas essas características, pessoas capazes, diferentes e singulares, afirmando as potencialidades dos mesmos, sinalizando a crença na possibilidade de inclusão escolar, uma vez que ainda incluídos terão “os momentos deles de agitação”. Ambas apontam a causa pela falta de inclusão do contexto e outras pelos próprios alunos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das respostas dos questionários pelas professoras, buscou-se analisar a interação social de uma criança com autismo. Elas reconhecem que a inclusão do aluno autista é desconhecida pela sociedade, devido o que foi transmitido em uma novela. Percebe-se que o professor tem um determinado conhecimento e a manifestação de afeto com as crianças, pois os obstáculos que aparecem são grandes dentro a instituição.

Podemos observar nas falas dos participantes da pesquisa que as estratégias e intervenções com brincadeiras são formas de treinamento para interações sociais com essas crianças para proporcionar ganhos satisfatórios.

Com isso, os aspectos das revisões de literatura e os dados obtidos na pesquisa é a necessidade de diversificar as medidas de intervenção significativas de aprendizagem, ampliando informações sobre o TEA para se promover o apoio individualizado, amplo e contínuo e a qualificação dos professores para favorecer tanto a formação quanto as habilidades sociais da instituição educacional.

Diante deste panorama, verificou-se que a inclusão do aluno autista existe uma necessidade de organização escolar e adaptação, pois cada aluno é singular e que as diferenças e criatividade os impulsionam para o desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. F. C. de O. **Inclusão escolar do politicamente correto à ética do sujeito no campo da educação**. São Paulo. LEPSI. 2004.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-IV)**, Four Edition. Arlington, VA, American Psychiatric Association, 2013.

ASSUMPÇÃO, Jr. F. B. **Diagnóstico diferencial dos transtornos abrangentes de desenvolvimento**. In: CAMARGOS Jr, WALTER (coord.). **Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º milênio**. CORDE (Coordenadoria Nacional para Integração de Pessoa com Deficiência. Brasília. 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federal do Brasil**: Texto Constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Subsecretária de Edições Técnicas, 2002.

_____. **LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Senado Federal. Brasília, 2006.

_____. **Marcos Políticos Legais da EDUCAÇÃO ESPECIAL na Perspectiva da Educação inclusiva**; MEC, Brasília, 2010.

_____. **Política Nacional de Educação na Perspectiva Inclusiva**. MEC, Brasília, 2008.

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Revista Brasileira de Psiquiatria. V. 28, São Paulo, 2006.

BRANDÃO, L. C. **Interação Social em diferentes contextos escolares: estudo de caso de uma criança com autismo**. Dissertação de Mestrado (Psicologia) – Universidade Católica de Brasília-DF, 2009.

CARVALHO, M. A. F. C. **Formação de professores em educação de adultos. Estudo de caso: o ensino recorrente na escola secundária Rodrigues de Freitas**. Universidade de

Santiago de Compostela, 2008.

CAMPBELL, S. L. **Múltiplas faces da inclusão**. Rio de Janeiro: Wak. 2009.

COELHO, C. M. M. **Inclusão Escolar**. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs). **Desenvolvimento humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília, 2010.

COSTA, M. **Habilidades sociais e saúde em escolares na cidade de João Pessoa**. Tese (doutorado em ciências da saúde). Centro de ciências da saúde. UFPB. João Pessoa, 2004.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

CLASSIFICAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS E DE COMPORTAMENTO DA CID-10; Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.

FONSECA, V. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem**. Editora Vozes, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas; 2002.

KELMAN, C. A.; AMPARO, M. **Sociedade, Educação e Cultura**. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2015, p. 15-56.

LAGO, M. J. R. **Educação e Psicanálise: Interlocuções acerca do sujeito com autismo**. Brasília-DF, Março de 2013. 73 páginas. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

MANTOAN, M. T. E. **Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha**. In: **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos**. Summus Editora. São Paulo, 2007.

MELLO, A. M. S. **Autismo: guia prático**. São Paulo: AMA; Brasília: Corde, 2007.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

PAPIM, A. A. P.; SANCHES, K. G. **Autismo e inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do Atendimento Educacional Especializado em sua prática com crianças com Autismo**. Monografia apresentada ao Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO, Lins-SP, para graduação em Psicologia, 2013.

RIVIÉRE, Ángel. **O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento**. In: COLL, César; ÁLVARO, Marchesi; PALACIOS, Jesus. **Desenvolvimento psicológico e educação – Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**; Porto Alegre: Artmed. 2004.

RODRIGUES, D. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

SELAU, B.; HAMMES, L. J. **Educação inclusiva e educação para a paz: relações possíveis**. São Luiz: EDUFMA, 2009.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>, Acesso em 29 de out de 2015.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WING, L. **A abordagem educacional para crianças autistas: teoria, prática e avaliação**. In: GAUDERER, E. C. (org). **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: guia para pais e professores**. Rio de Janeiro: REVINTER, 1997a.

WING, L. **O contínuo das características autista**. In: GAUDERER, E. C. (org). **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: guia para pais e professores**. Rio de Janeiro: REVINTER, 1997b.

APÊNDICES

Apêndice A - Questionário

1. Faixa Etária:

- ☐ 20 a 30 anos ☐ 41 a 50 anos
☐ 31 a 40 anos ☐ Outra. _____

2. Escolaridade:

- ☐ Ensino Médio
☐ Ensino Superior
☐ Especialização. Caso Sim, Qual? _____

3. Tempo de trabalho em carreira escolar:

- ☐ 1 ano ☐ de 5 a 10 anos ☐ de 15 a 20 anos
☐ de 1 a 5 anos ☐ de 10 a 15 anos ☐ Mais de 20 anos

4. Tempo de trabalho com alunos com necessidades especiais:

- ☐ 1 ano ☐ de 5 a 10 anos ☐ de 15 a 20 anos
☐ de 1 a 5 anos ☐ de 10 a 15 anos ☐ Mais de 20 anos

5. De forma geral qual a sua concepção sobre a inclusão educacional?

6. Como define o autismo?

7. Quais as necessidades os alunos apresentam em relação à aprendizagem e interação social?

8. Quais áreas de desenvolvimento a criança apresenta maior necessidade interventiva para interação social?

9. Qual método de apoio é utilizado para estimular o desenvolvimento e interação entre os alunos?

10. Você acredita que é possível a inclusão escolar para alunos autistas? Justifique.

ANEXOS

Anexo A – Carta de Apresentação



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB

Polo: _____

Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a) _____

Instituição: _____

Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S^a o(a) cursista pós-graduando(a) _____ que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof^ª Dr^ª Diva Albuquerque Maciel**

Anexo B – Aceite Institucional



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. _____ (*nome completo do responsável pela instituição*), da _____ (*nome da instituição*) está de acordo com a realização da pesquisa _____, de responsabilidade do(a) pesquisador(a) _____, aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre. _____.

O _____ estudo _____ envolve _____ a _____ realização de _____ (*entrevistas, observações e filmagens etc*) do atendimento _____ (*local na instituição a ser pesquisado*) com _____ (*participantes da pesquisa*). A pesquisa terá a duração de _____ (*tempo de duração em dias*), com previsão de início em _____ e término em _____.

Eu, _____ (*nome completo do responsável pela instituição*), _____ (*cargo do(a) responsável do(a) nome completo da instituição onde os dados serão coletados*), declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

_____ (local), ____/____/____ (data).

 Nome do (a) responsável pela instituição

 Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição

Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando (a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de _____.
(*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.
Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional): _____